

A Chave da Felicidade

A Chave da Felicidade

Não sou mais criança; jovem tampouco.

Já entrei na curva descendente.

Passei muitos anos desta vida atabalhoada procurando a felicidade.

Fiz análise; frequentei grupos de filosofia; iniciei-me em seitas, cultos religiosos e espirituais; busquei na literatura; procurei gurus, mestres e seres iluminados.

Não encontrei nada de consistente.

Nada que realmente me fizesse enxergar e compreender o porquê das coisas.

Nada fazia sentido. Nunca fez.

Desisti. Resignei-me. Fiquei meio zen.

Passei a viver a vida como se fosse normal não ser feliz plenamente. Afinal, o mundo só nos mostra horrores: estamos empanturrados até a goela de cenas de guerra, massacres, ganância e egoísmos extremos. Pobreza extrema. Matanças religiosas insanas, e mesmo demoníacas. Milhões de pessoas morrendo de fome por falta de um pedaço de pão. Muitos pensam como eu, eu sei. Muitos sentem esta mesma angustia, esta inquietude frente uma realidade anacrônica, totalmente desigual, falsa e perversa. Tanto sofrimento. Por quê?

Me acomodei.

Afinal, o que fazer?

Não se vê uma saída. Somos levados a pensar que é assim mesmo: o homem é mau e vil por natureza; a espécie humana é a praga do planeta, o câncer que pouco a pouco vai consumindo, corroendo e destruindo a própria Terra mãe.

Cada um se vira como pode.

Mentira. Hipocrisia.

Covardia e brutalidade.

Falsos profetas.

Falsos salvadores.

Falsos líderes políticos.

Falsos socialistas.

Quase todos corrompidos pelo poder e a glória.

Quase todos perdidos na ilusão materialista e supérflua desta realidade incom-preensível, desumana.

Alguns abnegados, entretanto, mesmo assim, conseguem se doar e fazer carida-de, dar amor a quem não tem. São seres raros e especiais. Muito especiais. Graças a eles e seus exemplos temos um pouco de esperança. Bem pouca. São pontinhos de luz na imensa escuridão.

Então, num dia qualquer, sem a menor importância – sem nenhum sinal celeste, em que estava à beira-mar com um amigo com o qual conversava enquanto saboreava uma água de coco ele me perguntou:

– Já viu o filme Zeitgeist?

– Zaito o quê? – retruquei distraído, achando que compreendera mal o que ele dissera.

– Zeitgeist – repetiu, pronunciando mais devagar e bem pausadamente; assim como se explica uma palavra nova a uma criança.

– Não, nunca ouvi falar – respondi sem dar importância.

Seis meses depois encontramos-nos novamente e no meio da conversa ele perguntou outra vez:

– Já viu o filme?

– O quê? ... – respondi sem entender. Já tinha apagado totalmente da memória.

– O filme que te falei, cara: Zeitgeist. É só digitar no Google e clicar no primeiro item que aparece na lista.

Não dei muito valor; nem mesmo me lembrava do que ele havia me dito seis meses atrás.

– Você tem que ver, cara, já te falei, o filme é do cacete! Pô, se liga! É pra ver mesmo.

Devido a sua insistência, desconfiado, peguei um guardanapo e pedi que ele so-letrasse.

– Z-e-i-t-g-e-i-s-t – disse, e verificou se eu escrevera corretamente.

– É só digitar...

– Já entendi, pode deixar. No Google.

À noite, em casa, me lembrei do papel guardado no bolso; peguei-o e digitei o nome esquisito.

Ao clicar no primeiro nome da lista apareceu na tela a imagem de um quadrado luminoso multi repetido em espiral.

Comecei a assistir o filme.

Passivo a princípio, via e ouvia – na verdade, lia a legenda, pois meu inglês não é fluente o suficiente pra entender totalmente o que o locutor dizia: uma voz calma e tranquila que falava sobre fatos que logo pescaram minha atenção. Vale dizer que não demora nada pra fazer o download, é do Google movies e entra direto na tela. Coloquei em tela cheia e, para minha total surpresa, pouco a pouco fui ficando cada vez mais inte-ressado.

Bom, resumindo: o filme tem uma hora e quarenta de duração e, enquanto via, me senti

como alguém que vai enxergando a luz pela primeira vez. Sério. Como na caverna platônica, eu aos poucos ia sentindo meu espírito, minha mente se clareando: iluminando-se verdadeiramente, pela primeira vez, pelo que assistia.

Logo depois fiz o download do segundo filme: Zeitgeist – Adendum.

Um complemento.

Melhor do que o primeiro!

Fiquei em estado de graça.

Uma euforia indescritível!

Queria correr e compartilhar aquele sentimento com todo mundo!

Vou ficar por aqui.

Quem quiser que veja, assista, sinta e julgue por si mesmo.

Alguns já devem ter visto.

O que posso dizer é que, pela primeira vez na vida, enxerguei a verdade por trás dos fatos.

Talvez alguém ache que estou exagerando – assim como achei quando meu conhecido me falou insistentemente pela segunda vez.

Se você sente a angústia e o desespero que eu sentia – pelos motivos que descrevi no início deste texto, veja o filme. Vale a pena.

Garanto que seu mundo não será mais o mesmo.

Depois, fui me inteirando dos fatos e condições *sui generis* que resultaram na criação e elaboração do filme, e de suas ações e reações subsequentes.

O que sinto agora é que a humanidade ainda está na caverna. E vai continuar por muito tempo, pois o processo obrigatoriamente será lento. Somos bilhões de seres.

Mas posso garantir:

A porta é logo ali, e este filme ímpar – seu conteúdo – é o condutor calmo e tran-quilo que te revela e te leva ao almejado elixir: a verdade e o caminho.

Quero muito ouvir comentários e opiniões; discordantes ou não.

Sou ingênuo?

É polêmico?

O Mundo, nossa querida e amada humanidade, assim como a sofrida natureza – já à beira do colapso – têm remédio e futuro; e o melhor: é simples, viável, perfeitamen-te factível e sem contra-indicações.

Saudações.

Alexandre Eduardo Weiss

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 2009.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-chave-da-felicidade>